

# PARENTELA, RIQUEZA E PODER: TRÊS GERAÇÕES DE MULHERES

**Miridan Britto Falci**

*Resumo: O trabalho procura mostrar como as mulheres do Vale do Paraíba sentiram e foram envolvidas pelo poder de suas famílias na construção e no apogeu da economia cafeeira fluminense. Através de cartas e inventários de três gerações femininas, o cotidiano dos barões do café é revisitado; como elas utilizaram estratégias, ainda que pequenas, para construir o seu espaço como mulheres naquela sociedade tradicional. A primeira geração estudada viveu no final do século XVIII, a segunda durante o XIX e a terceira morrendo no século XX, todas ligadas por laços familiares, mas nascendo, morando e morrendo naquele espaço do vale do Paraíba fluminense.*

*Palavras-chave: elite cafeeira; gênero; riqueza.*

## Introdução

Desde 2002 temos realizado pesquisas e produzido trabalhos sobre a região de Vassouras, rico município de café da Província do Rio de Janeiro, que se caracterizou pela presença de uma sociedade extremamente rica e escravocrata, no século XIX.

Algumas vezes nos debruçamos sobre mulheres importantes (caso de Eufrásia Teixeira Leite de quem estudamos sua vida, suas atividades financeiras, sua biblioteca e seus amores com Joaquim Nabuco);<sup>1</sup> em outras sobre personagens masculinos, destacando a vida de políticos ilustrados, o poder e a cultura no sertão fluminense.<sup>2</sup>

Pensamos, no entanto, que, para compor o quadro de entendimento daquela sociedade elitista teríamos de elaborar um longo projeto sobre famílias de elite, parentela e poder. O projeto foi aprovado em julho de 2004 pela Universidade Severino Sombra.<sup>3</sup> Esta história, que estamos tentando elaborar, da vida privada em fazendas, fica na interseção das tensões entre o ser senhor/senhora e o ser escravo e tenta avaliar as ações com que determinados senhores e senhoras procuraram dar sentido

## **GÊNERO**

aos seus anseios ampliando seus pertencimentos à coletividade e os de autonomia individual.

Trazemos assim, neste trabalho, retalhos da vida de algumas mulheres que ali viveram. A documentação do Centro de Documentação Histórica de Vassouras faz parte do projeto de pesquisa citado.

Nossas indagações nesse projeto seriam: como teria sido o cotidiano de baronessas do café? Que percepções de vida puderam ter? Como a sociedade lhes observou e reteve seus nomes? Como se relacionaram com sua enorme escravaria? Que aspectos marcaram sua vida material? Como se manifestou sua vida espiritual e, finalmente, como comandaram suas famílias?

Da enorme documentação presente em Vassouras destacamos três mulheres que se sucedem em gerações: Mariana das Neves, a matriarca inicial do século XVIII, Eufrásia Correia e Castro, sua neta, baronesa do Campo Belo, do século XIX e Eufrásia Teixeira Leite, neta da anterior, a noiva de Joaquim Nabuco e financista que morreu no século XX.

Temos assim uma personagem mulher que, embora nascida em 1850, morreu já no século XX; sua avó, que viveu no século XIX, e a avó de sua avó, personagens que mostram a inserção das mulheres no campo mais amplo da sociedade. Vivendo as três mulheres no mesmo espaço (capitania, Província e estado do Rio de Janeiro) elas são, ao mesmo tempo, objeto e agentes da História. Reconstituir suas vidas e enquadrá-las no processo histórico dessa região significa procurar compreender a evolução social das mulheres e a evolução da presença das mesmas em vários tipos de documentação.

Se da avó da avó (a Mariana do século XVIII) nosso conhecimento está limitado à vida socioeconômica de seu marido e a algumas lendas transmitidas oralmente sobre a mesma, da sua neta, do século XIX (a Eufrásia Correa e Castro), já dispomos de grandes descrições de bens materiais em inventário (casas, fazendas, sítios, cafezais, roupas, louças, mobílias e escravos); e quanto à neta da neta, dispomos de 30 volumes de inventário, um longo testamento, a presença de sua casa de moradia (a Casa da Hera hoje Museu do IPHAN em Vassouras), de suas cartas, de seus livros, roupas, notícias em jornais e até processos judiciais contra os atos que manifestou em testamento.

Assim o conhecimento histórico vem nos ajudar na reflexão que desejamos fazer e se amplia na mesma razão da importância social dessas mulheres.

## O Contexto Regional

Estamos na segunda metade do século XVIII. As lavras de ouro se esgotaram. Ricos mineiros e pobres agricultores começaram a descer de Minas em direção ao Caminho Novo, aberto há 60 anos pelo bandeirante Garcia Paes. Os lavradores pobres arrancharam-se, fizeram roças, cultivaram milho, feijão, mandioca e criaram porcos para vender toucinho aos tropeiros e viajantes que por ali passavam. Os mais ricos, donos de extensas sesmarias construíram as primeiras casas de fazenda, ainda de taipa, derrubaram a mata com descendentes de índios e alguns escravos e, em breve iniciariam a plantação de cana-de-açúcar.

Até 1750, quando foi criada a freguesia de Sacra Família do Caminho Novo do Tinguá, duas freguesias existiam na região. A primeira, a freguesia de S. Pedro, São Paulo e N. Sra. da Conceição da Paraíba, fora criada em 1720, e seu arraial se encontrava no encontro do rio Paraíba com o Paraibuna, passagem descoberta por Garcia Paes e onde o bandeirante edificara sua fazenda de engenho de açúcar e ganhara 12 sesmarias de terra. A segunda freguesia, a de Paty do Alferes, criada em 1739, abrangia extensa área mais ao sul, incluindo a região onde hoje está a cidade de mesmo nome.

Mas nesse final do século XVIII, como falamos acima, muitos aventureiros, desiludidos da mineração, tentam a sorte como agricultores, solicitando sesmarias a el-rei junto ao Caminho Novo de Garcia Paes e é assim que José de Pontes França, em 1764, filho de um francês de nome Dupont, que viera ao Brasil em busca de ouro e se aventurara nas Gerais, ficou estabelecido com roça de mantimentos na localidade de Roça do Alferes (hoje Paty do Alferes).

José França pede em casamento a jovem de 14 anos, Mariana das Neves, filha de outro agricultor, João Correa Tavares, também estabelecido na mesma freguesia, na capitania do Rio de Janeiro. São os agricultores desse final de século que vão sedimentar suas famílias, ampliar os povoados, abrir estradas e dar um sentido novo ao povoamento da região chamada Sertões de Leste.<sup>4</sup> E este espaço se constituirá numa nova fronteira ocupacional, de formação de sociabilidades e geradora de uma nova economia.

Ali se encontrarão duas frentes de povoamento.

Elementos vindos do Recôncavo da Guanabara, lá na Baixada, já plena de engenhos de açúcar, comerciantes de escravos e vendeiros sobem a encosta da serra, levam consigo o conhecimento da fabricação do açúcar e se encontram com a frente povoadora vinda das decadentes minas de ouro. E como rota de comércio e de passagem, firmarão a sua importância.

Mariana constitui a primeira geração de nosso estudo.

## GÊNERO

José e Mariana moravam no povoado de Montserrat, na freguesia de S. Pedro e S. Paulo da Paraíba onde José montara uma venda e um pouso. O povoado estava em desenvolvimento e ali se achava a passagem em balsa pelo rio Paraibuna. Eles conseguiram prosperar graças ao intenso movimento de tropeiros, viajantes, militares e funcionários do governo que aí se arranchavam antes de cruzar em balsa o encachoeirado rio Paraibuna, afluente do Paraíba do Sul.

Segundo a lenda, Mariana ouvira de uma cigana que lhe lera as mãos que teria muitas terras, muitos filhos e filhas, teria nobres do Reino em sua família e que um rei passaria em sua casa.

José Pontes França, cujo sobrenome lhe fora anexado devido a sua origem, 30 anos mais velho que sua mulher, morre em 1769, e deixa Mariana viúva, aos 19 anos, com duas filhas mulheres, a mais velha de nome Ana Esméria, e um homem, tornando-se herdeira de umas poucas braças de terra na Roça do Alferes, alguns escravos e parte da sociedade na venda.

Mas Mariana casa-se, pela segunda vez, em 1774, com o escrivão do Registro do Paraibuna, Pedro Correa e Castro,<sup>5</sup> jovem rico de 28 anos, arrematador do registro de passagem do rio. A família Correa e Castro tem suas raízes mais distante. São também mineiros, de Mariana, e seus membros se espalham pelas margens do Paraíba, desde os finais do século XVIII.

Mariana terá com Pedro Correa e Castro também três filhos, nascendo o mais moço dessa união, Pedro Correa e Castro – nome do pai –, no mesmo ano (1792) em que nascia o seu primeiro neto, filho da filha mais velha, Ana Esméria, com o português Cristóvão de Andrade.

Enquanto o segundo marido de Mariana, Pedro Correa e Castro, prospera e compra a fazenda Santo Antonio, próxima ao povoado de Vassouras, o genro de Mariana, Cristóvão de Andrade compra a fazenda do Paraibuna, enorme extensão de terra que pertencera a Garcia Paes e seus descendentes. Morrendo o genro Cristóvão, quatro anos depois, coube ao filho Hilário fundar, na margem fluminense do Paraíba, a fazenda Serraria, atual município de Comendador Levy Gasparian, cuja enorme sede estava ainda em pé, em 1940.

Assim as terras dos França/Correa e Castro abarcavam espaços onde hoje se encontram três municípios: Paraíba do Sul, Levy Gasparian e Vassouras. Foi a época em que o café começou a dominar o vale do Paraíba (primeiras décadas do século XIX) e os fazendeiros passaram a derrubar florestas pelos morros acima e comprar escravos para plantarem café.

É a época em que o segundo império iniciante manterá o seu poder através da doação de títulos aos ricos plantadores de café da região. Famílias como as dos

Werneck, Avelar e Teixeira, esta última vinda de Minas Gerais, passam a se estabelecer também na região. E começarão a receber títulos de nobreza.

Em 1846 cabe a um membro da irmandade dos Teixeira, Francisco José Teixeira, receber o título de barão do Itambé. Construirá belo palacete na recente vila de Vassouras e disporá de enorme cabedal em escravaria.

Em 1852 recebe o título de Barão do Paty um membro da família Lacerda Werneck (Francisco Peixoto de Lacerda Werneck), família que viera da outra frente de povoamento e os Werneck, segundo Stanley Stein, constituíram uma das maiores concentrações de riqueza nas mãos.

Era preciso que a família Correa e Castro também corresse para receber títulos. Coube a Pedro Correa e Castro (o filho de Mariana das Neves) receber em primeiro lugar o título de Barão do Tinguá e seu irmão Laureano receberá, em 1854, o título de barão do Campo Belo.

A profecia se cumpria: muitas terras, muitos filhos e muitos netos tinha Mariana das Neves França Correa e Castro. E agora, que tinha muitas terras e muitos haveres, era preciso compor as alianças familiares.

Mariana soube, naqueles ermos tão distantes, perceber a necessidade das alianças que garantissem à família Correa e Castro a manutenção do patrimônio, o poder político e a influência social. Propõe a seu filho Laureano que se case com sua segunda neta, Eufrásia, filha de Ana Esméria, ou seja, tio casando com a sobrinha.

A história dos arranjos familiares dos Correia e Castro se encontra no livro de uma descendente dos Correa e Castro, Sonia Sant'Ana, intitulado *Barões e Escravos do Café*. Segundo Sonia, Mariana das Neves, viúva pela segunda vez, que havia comparecido ao casamento da neta mais velha, voltando para casa em companhia dos filhos José, Antonio, Pedro e Laureano Correa e Castro, que a ajudavam na administração da fazenda desde a morte do pai, teria dito:

e agora que minha primeira neta casou, está na hora de contratar casamento para a segunda, a Eufrásia. É de boa prudência casar os filhos com parentes ou amigos; você, Laureano, já tem idade para casar, a Eufrásia vai completar quinze anos. Estou pensando em ter minha neta por nora (SANT'ANA, 2001, p. 38).

Para manter a propriedade livre de subdivisões entre muitos herdeiros, muitos casamentos se faziam dentro da mesma família e isto se deu entre todas as famílias importantes da região: entre os Werneck, entre os Teixeira Leite e entre os Correa e Castro. Fortalecida a família, os casamentos passarão a existir entre as famílias mais importantes, constituindo uma enorme teia de parentela e poder. Na região de Paty, como nos diz Eduardo Silva, os Werneck se ligarão com os Ribeiro de Avelar, com os Pinheiro de Souza, os Machado da Cunha e os Almeida Ramos.

## GÊNERO

Vindos do casamento e mal chegando à enorme fazenda que possuíam no atual município de Vassouras, a de Santo Antonio, um dos rapazes, filho de Mariana, escreveria em nome da mãe (que não sabia ler nem escrever) pedindo a mão de Eufrásia. E assim, em 1824, encontramos Eufrásia, com 15 anos, morando com sua avó Mariana das Neves França Correa e Castro.

Eufrásia Correa e Castro, a futura baronesa do Campo Belo, será a nossa segunda geração e casa-se com o tio Laureano, na fazenda de Serraria.

Laureano será figura de projeção naquele sertão e conseguirá enorme poder e riqueza pois conseguirá, juntamente com os Teixeira Leite, emancipar o povoado de Vassouras, elevando-o a vila em 1833, extinguindo-se a vila de Paty onde ficavam os Lacerda Werneck e os Avelar. A região de Paty do Alferes ficará dependendo administrativamente do município de Vassouras, até cerca de dez anos atrás.

Laureano foi escolhido entre seus pares como primeiro presidente da Câmara da cidade de Vassouras, entre 1833 e 1840. Ele tinha de herança uma parte da fazenda Santo Antônio e Eufrásia, parte da Fazenda do Paraibuna, mas como o café se expandia e estava dando muito lucro, era necessário adquirir mais terras e comprar mais escravos.

Em 1844, Laureano Correa e Castro compra a Fazenda Secretário onde, aos cinqüenta e quatro anos, passa a viver com Eufrásia e os filhos solteiros. Ana Esméria, a mais velha, já residia numa chácara na vila (a Casa da Hera), pois o marido, Joaquim José Teixeira Leite, dirigia uma casa de crédito pertencente à família Teixeira Leite (Teixeira Leite & Sobrinhos). Dez anos mais tarde (1854) Laureano recebe o título de Barão do Campo Belo.

Secretário situava-se à pequena distância da vila de Vassouras, em lugar aprazível, num patamar de onde se despencava um pequeno rio cujo burburinho era ouvido da casa. Uma nova sede foi construída por um arquiteto da corte, com características que a diferiam dos casarões tão comuns da época.

Mas a vida não transcorria calma. Naqueles anos a Província do Rio de Janeiro era a maior produtora de café do Brasil. Somente ela produzia 77% de toda a produção do vale do Paraíba e a mão-de-obra escrava era imensa também. Nos municípios de Valença, Vassouras e Paraíba do Sul a enorme proporção de escravos conduziu a movimentos de rebelião. Revoltas de escravos, muitas fugas, levantes e assassinatos de senhores compunham o cenário daquele vale.

Em 1838 os fazendeiros importantes da região comandaram uma expedição contra os escravos rebelados no quilombo de Manuel Congo, também conhecido como de Santa Catarina, nome da mata onde se localizara. A revolta se iniciara na

fazenda de Manoel Francisco Xavier, mineiro parente de Tiradentes e conhecido por suas atrocidades contra os escravos.

A história desse quilombo foi relatada pelo jovem Carlos Frederico Werneck Lacerda (o mais tarde jornalista e político Carlos Lacerda) com base em documentos encontrados em Vassouras.

Eufrásia se preocupava e Laureano conduziu reuniões na Câmara Municipal de Vassouras para tomar providências acerca das rebeliões. O presidente da província prometeu enviar o major Luis Alves de Lima e Silva – agora com 35 anos – à frente de um destacamento. Mas Lacerda Werneck, comandante da Guarda Nacional para a comarca de Vassouras, sem aguardar os reforços, convocou os oficiais da Guarda para enfrentarem os rebeldes, antes que se embrenhassem pelas matas. A Câmara Municipal, sob a presidência de Laureano, declarou-se em comissão permanente, revezando-se os vereadores, pois cabia-lhes coordenar as operações, receber e enviar notícias ao governo provincial e finalmente providenciar suprimentos para as tropas. Dominada a sublevação, mortos muitos escravos, enforcado Manuel Congo, a vida prosseguiu nas fazendas de Eufrásia, e Laureano morreu em 1861.

Sua mulher, Eufrásia Correa e Castro, não abriu inventário, prosseguindo na exploração agrícola de suas fazendas. Somente em 13 de março de 1873 quando Eufrásia Correia e Castro, baronesa do Campo Belo, viúva de Laureano Correa e Castro, morreu em Vassouras, deixando seis herdeiros, todos maiores, incluindo as duas netas já maiores (24 e 23 anos, Francisca Bernardina e Eufrásia Teixeira Leite, filhas da filha Ana Esméria Teixeira Leite) é que os herdeiros resolveram, de comum acordo, avaliar os bens do casal e fazer a partilha amigável.

E é por esse inventário que se percebe a capacidade que teve Eufrásia Correa e Castro, de administrar, após a morte do tio-marido, a grande produção de café.

São 626 mil pés espalhados pelas seguintes fazendas; Secretário, S. Paschoal, Santa Rita, Retiro, Anil e S. Gonçalo. Alguns mais velhos valendo 100 réis o pé, outros, valendo 140, outros, 200 e ainda outros, 240 réis o pé. Possui ainda 1445 alqueires de café espalhados entre o terreno do Secretário, em terras do Retiro, e 400 alqueires nos paióis. Possui terras ainda sem plantações, correspondendo a 785 alqueires, sendo 220 desses alqueires em Muriaé, Minas Gerais.

Das fazendas, a sede mais rica e descrita por Ribeyrolles, ainda hoje existente (a do Secretário), é um magnífico edifício de dois andares com 24 janelas voltadas para enorme terreiro de café, colocado à sua frente. A beleza do edifício, o equilíbrio de seu partido mostram até hoje um dos mais belos exemplares da arquitetura rural do século XVIII no Brasil. Mas ao lado da sobriedade e simplicidade de suas formas exteriores há uma suntuosidade e requinte em suas partes interiores.

## GÊNERO

Dois andares ligados por uma imponente escadaria de madeira, 15 quartos, inúmeras salas e salões. Como foi comum na construção oitocentista (antes do cimento armado), a disposição da casa corria proporcionalmente à direita e à esquerda, a partir da porta principal. Embaixo, após o belo hall de entrada onde se encontra a rica escadaria de madeira, à esquerda, existe o salão de festas. O salão ligava-se ao oratório da casa, pequena capela, e a alguns quartos. Do lado direito, a enorme sala de jantar, em cuja parede, ao fundo, via-se uma bela pintura feita pelo pintor estrangeiro, Vilaronga, com mesa para 32 pessoas ligada à sala de espera, jardim de inverno, escritório etc.

Diversas salas e salões, tais como sala de visitas, sala de espera, sala do guarda-louça, sala do terraço, escritório, jardins de inverno alinham-se numa disposição harmoniosa, de onde se vê o lindo jardim. Todas dispõem de mobiliário riquíssimo. Fora do corpo da casa, encontram-se as dezenas de lances de senzalas, os paióis e os engenhos.

De Eufrásia Correia e Castro podemos dizer que cumpriu o seu papel de mulher e principalmente mulher rica do século XIX. Teve e criou os filhos, organizou a fazenda, dispôs sobre os cafezais. Pouco saiu da casa do Secretário. Ao morrer, em 1873 perdera já sua filha Ana Esméria e seu genro Joaquim José Teixeira Leite. Suas netas Eufrásia e Francisca partiriam, pouco depois, para Paris, no navio Chimborazzo, onde viveriam em magnífico palacete à rua Bassanno 40, próximo ao Champ-Elisées.

### A 3ª geração:

#### *Eufrásia Teixeira Leite* <sup>6</sup>

Aos 23 anos de idade, a neta da baronesa do Campo Belo, outra Eufrásia, partia para Paris.

Eufrásia e sua irmã Francisca perderiam sua mãe em 1871 e no ano seguinte perderiam seu pai. A perda de ambos causou em Eufrásia um grande choque emocional mas fez dela e de sua irmã as únicas herdeiras da fortuna acumulada pelo pai e herdada pela mãe.

Em 1873, o inventário de sua avó, a baronesa do Campo Belo, agrega mais fortuna às duas irmãs. Ricas e independentes resolvem partir para a Europa. Observe-se que Eufrásia não se envolverá com produção de café e escravatura. Os escravos que herdou no inventário de sua avó serão alforriados por ela que cedo empregará sua herança em títulos e ações.

Sabe-se que as últimas décadas do século XIX foram palco de uma grande euforia no mundo financeiro e uma etapa decisiva na internacionalização do capital.

A atuação de Eufrásia no mundo dos negócios pode ser ressaltada pela enorme documentação encontrada nos arquivos de Vassouras.

Herdando casa, sítio, muitas apólices e ações de Bancos, investirá em companhias de petróleo, diamante e estradas de ferro. Seguiu os rumos do seu pai, grande financista e homem de letras.

Essa sinhazinha emancipada, como já chamamos alhures, construirá, na passagem para a modernidade, um outro poder: o poder de fazer e multiplicar os investimentos bursáteis, o poder de viver sozinha, de não se casar simplesmente por alianças familiares ou por imposição de familiares.

Tendo vivido um romance com o célebre abolicionista Joaquim Nabuco, por 13 anos, com ele não se casou, vivendo ora em sua bela residência na rua Bassano 40, em Paris, ora em sua casa da Hera, em Vassouras.

Morreu em 1930, com 80 anos, solteira, milionária, dona de extensa área em Copacabana. Deixou toda a sua enorme fortuna, em testamento, para instituições educacionais e de caridade – Irmãs do Sagrado Coração e Santa Casa da Misericórdia de Vassouras – com a finalidade de serem construídos colégios de meninas e meninos órfãos e o hospital de caridade, todos existentes hoje naquela cidade e mandados construir pelo seu testamenteiro, o ministro Raul Fernandes.

## **Considerações Finais**

Este trabalho teve a finalidade de estabelecer historicamente as relações de três mulheres, através dos laços familiares. Entre 1764 e 1930, três mulheres descendentes da poderosa família Correa e Castro tiveram o poder em suas mãos; a primeira como articuladora das alianças familiares, que foram essenciais para a obtenção de terras e riquezas no Vale do Paraíba fluminense; a segunda como braço-direito da produção do café naquelas terras ocupadas e garantidas pela sua antepassada e a terceira como mulher-símbolo da modernidade, que mesmo vivendo boa parte de sua vida fora do Brasil manteve o vínculo com as terras que garantiram sua fortuna.

*Abstract: This work is a contribution to gender studies in Brazil, showing how the crescent social importance of woman can be feeling if we study tree generations that lived at same place, Paraíba valley. The first one, was the strong woman that established family lies of power making wedding between her son and her great – daughter. The second was the great baroness of Campo Belo with 352 slaves*

## GÊNERO

*ad many coffees trees. The third was the great daughter who lived at Paris and multiplied that patrimony in the international financial circuit.*

*Keywords: gender; wealth; café.*

*(Recebido e aprovado para publicação em dezembro de 2005).*

### Notas

<sup>1</sup> Ver especialmente: FALCI; MELO (2002b, p. 165-185); MELO; FALCI (2004, p. 61-76).

<sup>2</sup> FALCI (2004, p. 197-201).

<sup>3</sup>*Projeto Famílias de Elite: parentela, riqueza e poder. Vassouras, século XIX.*

<sup>4</sup> Os Sertões de Leste abrangiam extensa área da capitania de Minas Gerais e norte do Rio de Janeiro. Coberta de matas e de difícil acesso por ocupar a Serra do Mar, era, até o século XIX, ocupada por tribos indígenas tais como os coroados e puris.

<sup>5</sup> Família Correa e Castro.

<sup>6</sup> Cf. FALCI; MELLO (2002b)

### Referências

ALENCAR, Araripe. *Pater-famílias nos tempos coloniais. Revista IHGB*, [S.l.], v. 40, p. 15-23, 1893.

BERLINCK, Manuel Tosta. *The structure of the Brazilian Family in São Paulo*. [S.l.]: Uthaca, 1969.

FALCI, Miridan. Personagens, poder e cultura no sertão fluminense no século XIX. In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA (SBPH), 24., 2004, Curitiba. *Anais ...* [S.l.]: Curitiba, 2004. p. 197-201.

FALCI, Miridan; MELO, Hildete Pereira de. Eufrásia Teixeira Leite: uma sinhazinha emancipada. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, 2002a.

\_\_\_\_\_. Leituras de uma mulher rica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 419, 2003a.

\_\_\_\_\_. Riqueza e emancipação: Eufrásia Teixeira Leite. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n. 29, 2002b.

\_\_\_\_\_. Um intelectual brasileiro do século XIX e sua biblioteca. *Revista Lócus*, Juiz de Fora, n.16, 2003b.

LEWIN, Linda. *Politics and parentela in Paraíba: a case study of family-based oligarchy in Brazil*. New Jersey: Princeton University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Property as patrimony: changing notions of family, kinship and wealth in brazilian inheritance law. [S.l.: s.n.], 1981.

MELO Hildete; FALCI. Miridan. Eufrásia e Nabuco: uma história de desencontros amorosos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 165, n. 423, p. 61-76, 2004.

RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, 1978.

SANCHES, Marcos Guimarães. *Proveito e negócio: regimes de propriedade fundiárias no Brasil: o caso do Rio de Janeiro entre os séculos XVIII e XIX*. Tese (Doutorado)–IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SANT’Ana, Sonia. *Barões e escravos do café: uma história privada do Vale do Paraíba*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

\_\_\_\_\_. *O Império luso-brasileiro, 1750-1822*. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

\_\_\_\_\_. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: Editorial Estampa, 1984.